

Editorial

“Somos todos influenciadores digitais”, afirma a escritora e pesquisadora de educação midiática Januária Cristina Alves na entrevista desta edição de *Veras*. Não importa o número de seguidores – se alguém está presente nas mídias sociais de alguma forma influencia outros, ao mesmo tempo que é continuamente bombardeado por outras influências e *influencers*. Estas e estes são peças fundamentais do chamado Capitalismo da Vigilância, e as grandes empresas de tecnologia da comunicação se fazem cada vez mais presentes e atuantes em nossas vidas – e desde a mais tenra idade, para nos oferecer, continuamente, o que queremos, o que eventualmente possamos querer e o que nem pensamos querer.

Conhecedora da fábrica de notícias por dentro, graças à sua formação como jornalista, Januária Alves vem chamando a atenção dos educadores, em algumas publicações e periodicamente em sua coluna no jornal digital *Nexo*, para alguns aspectos importantes dessa revolução na forma como consumimos as notícias que se deu com o surgimento da *il*Internet. Ela aborda nesta entrevista alguns efeitos dessa mudança no ato de ler, como a carência de leituras longas, da qual a geração de “nativos digitais” parece padecer, e que vem gerando um novo tipo de leitor, mais impaciente. Em relação a este grupo específico, também comenta a dependência cada vez maior de intérpretes da notícia, bem como as confusões que acontecem na zona difusa entre estabelecer um distanciamento crítico e saudável da mídia tradicional ou se engajar em uma desconfiança que engloba tudo, *fake news* e jornalismo sério, em uma arena de luta digital onde fatos e versões se digladiam. Para ajudar os estudantes a navegarem e não serem engolidos pela cacofonia digital, ela sugere que escola e famílias se empenhem em fornecer algum tipo de curadoria do conhecimento. Confira na entrevista esses e outros temas relacionados ao conhecimento e à economia da informação na era digital trazidos à baila pela escritora e pesquisadora.



A mesma temática, mas sendo analisada sob o ponto de vista do currículo escolar, está presente no artigo *Cultura digital e os desafios no currículo: tecnologia e criatividade no Ensino Fundamental I*, de Ricardo Dias Pacheco Martins e Naissa Maria Silvestre Dias Hippler. O texto apresenta ideias de como os gestores escolares podem aproveitar os aparatos tecnológicos para desenvolver um currículo atrativo e interativo, discussão esta que tem início com uma revisão sistemática de literatura na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações [BDTD]. Apoiados no suporte teórico de David Buckingham, para quem o ensino escolar tem sido, historicamente, uma batalha entre uma espécie de cânon de obras contra a cultura popular cotidiana, e que constata existir “uma perda de controle do que acontece quando a cultura popular entra no espaço da escola”, os autores sugerem uma série de ações pedagógicas no sentido de integrar as tecnologias da comunicação e da informação no currículo escolar, por meio do estímulo à cultura digital e cultura *maker*, produção de um blog da escola, bem como o apoio de professores ao uso da tecnologia digital para a consecução de trabalhos escolares.

Se em 2021 tivemos um Dossiê Educação Antirracista que aportou diversos artigos sobre essa temática, esta edição de *Veras* traz novas contribuições para esse importante tópico da agenda educacional brasileira que ganhou projeção e atenção nos anos recentes. Um bom exemplo desse tipo de reflexão é a contribuição de Erika Brasil Figueiredo, Joseli Magalhães Perezine e Leonardo Alves da Cunha Carvalho. O artigo *Três braços de rio: formação antirracista em escolas públicas de São Miguel Paulista* narra a confluência de três trajetórias individuais a partir de ações de pedagogia antirracista em uma escola de educação básica na zona leste do município de São Paulo (SP). Tendo como ponto de partida a análise sobre racismo estrutural feita por Silvio Luiz de Almeida, que alerta para a tendência de senso comum de “nos apegarmos a uma abordagem individualista do racismo, a partir da qual preconceito e discriminação são moralizados, compreendidos como comportamentos patológicos de indivíduos desviantes – e não resultado de processos sistemáticos, com lastro na história, na política, na economia, no direito e na ideologia”, os autores esmiúçam os temas estudados pelo projeto “Pedagogia Antirracista no



Chão da Escola”: “Escritoras Negras”, “Trabalho Indígena”, a história do “aldeamento de Ururay” (atual bairro de São Miguel Paulista), “Demarcação de terras indígenas” e “Feminismo negro”.

Outro artigo que também mergulha no racismo estrutural de nosso país é *Educação e relações étnico-raciais: Instrumentos, Ferramentas – Intencionalidade e Propósito*, de Rogério Salatini de Almeida. Sua proposta é entender as práticas antirracistas como desdobramentos de elementos maiores nas relações de ensino-aprendizagem, que seriam a intencionalidade antirracista e o propósito antirracista. Estes conceitos são atrelados ao “método de cartografias” tal como é apresentado pela artista-educadora Sumaya Mattar, e sugere uma proposta de diferenciação entre as ideias de “combate” e “resistência”, que podem ser entendidas no termo “antirracista”, afirmando que a segunda, tendo por base o pensamento de Gilles Deleuze, é uma forma em devir de prática antirracista, e por isso dotada de uma potência de ato criador. Daí a tentativa defendida pelo autor de diferenciar as ideias de “combate” e de “resistência”.

Já a colaboração de José Carlos Souza e Caroline Rezende, *Estratégias para a formação continuada de professores: relato de experiência do Projeto Aprender a Estudar Textos em um Município da Região Metropolitana de São Paulo*, compartilha e analisa uma experiência de formação docente a partir da Metodologia Aprender a Estudar Textos (AET), desenvolvida pela organização não governamental Laboratório de Educação. A ação envolveu professoras dos 4º e 5º ano do Ensino Fundamental no estudo e planejamento de atividades da área de História. A proposta se compõe de dez atividades modulares de leitura e compreensão de textos de História que perfazem um itinerário formativo, com uma série de perguntas-chave e quadros de homologia de processos que auxiliam professores e alunos na compreensão de textos de qualquer disciplina.

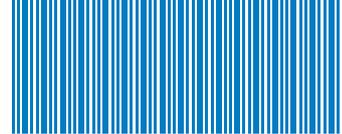
De cunho mais teórico, o artigo *Marx, Educação e Sociologia da Educação*, de Iael de Souza, busca sistematizar as considerações do autor/militante/pensador Karl Marx sobre a educação a partir de sua visão (e posicionamento) histórico-



social de mundo, de formação humana, de sociedade e de classe, servindo como material para a disciplina de Sociologia da Educação. Entendemos que, igualmente, será uma leitura útil e proveitosa para professores da área de Sociologia no Ensino Médio.

Por fim, esta edição de *Veras* se encerra com dois relatos pessoais nascidos de reflexões de educadores em seus respectivos ambientes. O primeiro, denominado *A mediação da obra literária Quando me descobri negra com adolescentes, em contexto hegemônico: contribuições para uma educação antirracista*, apresentado por Alessandra Vaz da Silva Francisca, apresenta o percurso de mediação de leitura de obra literária com presença negra realizado, remotamente, com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, em escola particular na zona oeste de São Paulo. Tendo como ponto de partida a leitura compartilhada dos livros *Quando me descobri negra*, de Bianca Santana, e *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes, a autora apresenta um rico itinerário de conversas estabelecidas com os jovens leitores, que por meio da obra passaram a observar aspectos até então obscurecidos do racismo que permeia a sociedade e que, muitas vezes, desponta e se revela em pequenos gestos ou frases. Sua contribuição se encerra com a sugestão de diversos títulos de autores que, seja por conta de seus projetos literários, seja por trazerem relatos de experiências vividas de racismo estrutural, se configurariam em um rico acervo de educação antirracista. Vale a pena conferir a experiência e a lista apresentada pela autora.

Já a colaboração de Patricia Araujo, *Entre o chão e o céu: um reencontro com nossa semente criança*, traz o relato de uma experiência de imersão na Mata Atlântica, a partir das reflexões de uma educadora entusiasmada com o reencontro de sua própria semente criança. Relatando sua experiência como professora de crianças pequenas, na qual passou a promover atividades fora da sala de aula, em espaços ao ar livre e em contato com a natureza, em um contexto de escola onde essa prática não estava instituída, tampouco institucionalizada, a autora relata um plano de ação formativa para educadores realizado em 2019 e 2020 tendo como ponto central o resgate de vivências sensoriais



provocadas a partir do contato com o ambiente de Mata Atlântica onde se deram essas formações. Por fim, a autora resgata as cinco regras básicas sugeridas por Joseph Cornell para que os momentos das atividades realizadas ao ar livre sejam alegres e gratificantes.

Boa leitura!

Regina Scarpa (diretora pedagógica do Instituto Vera Cruz),
Ricardo Prado e Adriana Dantas (editores da revista Veras)

